

## Quarenta anos de fanzine no Brasil: o pioneirismo de Edson Rontani <sup>1</sup>

Ana Camilla Negri<sup>2</sup>

(professora do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Regional de Espírito Santo do Pinhal - CREUPI/ UniPinhal)

### Resumo:

*Fanzine* é uma publicação artesanal feita por fãs que querem trocar informações e mostrar seus dotes artísticos. Surgida nos EUA a partir dos anos 30, esse tipo de revista foi produzida no Brasil somente em 1965 graças ao pioneirismo do piracicabano Edson Rontani, que resolveu fundar o *Intercâmbio Ciência-Ficção 'Alex Raymond'* e editar um boletim para abordar quadrinhos e reunir os amantes dessa arte. O boletim saiu em 12 de outubro e foi batizado com o nome de *Ficção*. Dono de uma das maiores coleções de quadrinhos do país, Rontani foi um artista múltiplo. Além de ser o responsável pelo primeiro *fanzine* do país, foi ilustrador, artista plástico, pintor, escultor, vitrinista, desenhista, decorador, radialista e até jornalista.

### Palavras-chave:

fanzine; caricatura; charge; Edson Rontani; histórias em quadrinhos alternativas.

### Apresentação:

*Fanzines* são revistas amadoras, geralmente de pequena tiragem, produzidas de forma artesanal pelo esforço de pessoas apaixonadas por uma determinada temática, e que desejam compartilhar informações ou produções artísticas. Por serem publicações independentes e sem fins lucrativos, acabam por se tornar uma forma de livre expressão de seus produtores, que não precisam se preocupar com editoras ou vendagem. Livre também é a periodicidade, que varia de acordo com a vontade do produtor. Mais tempo, mais dinheiro disponível: maiores as chances de o *fanzine* sobreviver; caso contrário, há milhares de boletins “filhos únicos” ou com tempo de vida curto.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP – Histórias em Quadrinhos, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Jornalista graduada pela Universidade Metodista de Piracicaba; especialista pela mesma instituição pesquisando a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco; mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo onde pesquisou a história da reportagem no Brasil. Atualmente é professora no curso de Publicidade e Propaganda trabalhando com pesquisas na área de história da comunicação, cinema e quadrinhos.

O mérito de elaborar *fanzines* é todo do fã que, movido por uma paixão, se propõe a produzir uma publicação, na maioria das vezes do próprio bolso, inclusive arcando com possíveis prejuízos. A produção pode ser de um único fã, ou de um grupo de aficionados (sendo um fã-clube organizado ou não) pelo mesmo tema. O processo de elaboração de um *fanzine* é bem interessante, pois todas as etapas do processo de criação ficam nas mãos de um editor isolado, ou um pequeno grupo (nesse último caso as tarefas podem ser divididas, mas a produção continua a ser de maneira artesanal). Tudo vai depender do tempo, do investimento ou até onde vai a paixão do fã.

Interessante também é a diversidade no mundo da produção dos *fanzine*: se antes os *fanzines* eram impressos em mimeógrafos, hoje é comum usar fotocopiadoras, impressoras caseiras e até impressoras *offset*. Muitos deles já nem mais são impressos por estarem sendo disponibilizados via internet (os chamados e-zines). O formato também varia muito, dependendo da ousadia de cada editor: colagem de textos, poesias, trechos de música; aplicação de imagens de jornal, revista ou qualquer tipo de informação visual e, claro, o desenho de próprio punho.

Como foi dito acima, a internet é uma ferramenta facilitadora, tanto na produção da revista, como na distribuição. Prova disso são os inúmeros *sites* que disponibilizam *fanzines on line*. Sem dúvida, com o desenvolvimento de novas tecnologias, a produção de um *fanzine* tornou-se menos dispendiosa, seja pelo tempo, seja pelo dinheiro investido.

As temáticas variam muito e vão desde ficção científica (de onde muitos autores defendem que o *fanzine* nasceu), música, cinema, literatura e política, passando por jogos de videogame, esoterismo, vegetarianismo entre outras especialidades, até chegar na área preferida dos jovens ávidos por mostrar seu talento: a banda desenhada (quadrinhos, *cartoons*, charges, ilustração em geral).

Para alguns autores, o *fanzine* propriamente dito nasceu somente na década de 70, junto com o movimento *punk* na Inglaterra. Mas a corrente mais aceita é a defendida pelo pioneiro nos estudos sobre o tema, Henrique Magalhães, autor da primeira dissertação de mestrado sobre *fanzines* no país e de diversos livros e publicações com a mesma temática: “os *fanzines* surgiram na década de 30, nos Estados Unidos, com as publicações amadoras de ficção científica”. (MAGALHÃES, 2003).

Ainda de acordo com Magalhães, etimologicamente o termo *fanzine* é um neologismo que nasceu da contração das palavras *fanatic* e *magazine* (do inglês, algo como ‘revista de fãs’) pela boca de Russ Chauvenet em 1941. A intenção seria justamente denominar as “publicações caseiras” que proliferavam nos Estados Unidos e que buscavam trocas de informações e debates sobre variados temas, principalmente via correio.

Se o primeiro *fanzine* do mundo foi o *The Comet*, feito por Roy Palmer para o *Science Correspond Club* em maio de 1930, no Brasil o pioneirismo é de Edson Rontani, que em 1965, resolveu fundar o *Intercâmbio Ciência-Ficção ‘Alex Raymond’* (em homenagem ao desenhista de Flash Gordon) e editar um boletim para abordar quadrinhos e reunir os amantes dessa arte. O boletim saiu em 12 de outubro e foi batizado com o nome de *Ficção*.



Capa da edição nº 1

### Edson Rontani, artista múltiplo

Nascido em Piracicaba, interior de São Paulo, em 23 de março de 1933, Edson Rontani tornou-se conhecido por criar o primeiro *fanzine* no Brasil, o *Ficção*, na época ainda chamado apenas como Boletim. Mas na cidade natal, onde veio a falecer em 24 de

fevereiro de 1997, seu sobrenome é sinônimo de artes em geral, dedicando grande parte de seus 64 anos de vida às artes.

Formado em direito pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) nunca exerceu a atividade, assim como não quis saber das outras profissões as quais havia se formado: professor e contador. Desde pequeno mostrou gosto pela área das artes, inclusive o desenho, ao rabiscar os primeiros traços em histórias em quadrinhos, com seus amigos, ainda no primário: “*Naquele tempo, já fazia revistas à mão, com histórias em quadrinhos, isto em 1944. Nas folhas de caderno fazia historietas de heróis, que a gente criava e emprestava aos colegas do grupo.*” (RONTANI, 1985)<sup>3</sup>. Suas primeiras influências seriam trazidas pelas páginas da tri-semanal *Mirim*, primeira revista que adquiriu, e *O Globo Juvenil*, mensal.

Além de desenhar, um dos maiores *hobbies* de Rontani era colecionar gibis. Segundo seu filho, Edson Rontani Junior<sup>4</sup>, mesmo na vida adulta, seu pai comprava tudo o que gostava em quadrinhos, já que na infância, criança geralmente passa muita vontade. Para conseguir revistas estrangeiras, viajava até São Paulo de trem e voltava com sacolas de quadrinhos comprados em sebos. Fã incondicional de quadrinhos de super-heróis, teve a influência de artistas como: Bob Kane (Batman), Joseph Shuster e Jerome Siegel (Superman) e, principalmente, Alex Raymond (Flash Gordon).

Mais tarde, acabou relacionando-se com Adolfo Aizen, diretor da EBAL (Editora Brasil-América Ltda), na época a mais importante editora de quadrinhos do Brasil, responsável por quadrinhos de grandes artistas estrangeiros como: Walt Disney, Alex Raymond, Hal Foster (Príncipe Valente), Lee Falk (Mandrake e O Fantasma) e Chester Gould (Dick Tracy), além das revistas da DC Comics e mais tarde da Marvel.

O gosto pelas revistas fez com que Rontani passasse a enviar cartas para Aizen comentando sobre as revistas e os personagens. Como a EBAL valorizava talentos brasileiros, com a cara e a coragem, Rontani enviou dois trabalhos que acabaram publicados em âmbito nacional através de duas capas: *Batman* e *Superman*, ambas de janeiro de 1965: “*Enviei as capas sem compromisso, e ele respondeu-me que estavam*

---

<sup>3</sup> In 30 anos do Ficção-Boletim do Intercâmbio Cultural Ciência Ficção Alex Raymond. Mrandópolis-SP: Comix-Club, 1995.

<sup>4</sup> Entrevista de 20/05/2005.

*aceitas e mandou uma ordem de pagamento, por intermédio da Agência Modesto, em São Paulo”* (RONTANI, 1985). Três anos depois Rontani foi para o Rio de Janeiro onde conheceu pessoalmente Aizen.

É dele também o famoso personagem Nhô Quim (não o de Ângelo Agostini) mascote do time de futebol XV de Novembro de Piracicaba. Há diversas versões sobre a criação do personagem, mas de acordo com Rocha Netto, o maior “entendedor” de esportes da cidade hoje, e que na época vivenciou o fato, a idéia deve-se mesmo a Edson Rontani.

No final da década de 40, ainda adolescente, Rontani passou a fazer ilustrações de um caipira magro, de camisa listrada, representando o time que disputava a segunda divisão. Havia em Piracicaba um ponto obrigatório dos jovens, esportistas e torcedores onde eram transmitidos, através de um alto-falante, programas da Rádio Clube Piracicaba. Segundo Elias Netto, em seu “Memorial de Piracicaba” (2002), um funcionário teve a idéia de expor semanalmente tais charges do então personagem apelidado de Jeca.

Em 1949, quando o time subiu para a primeira divisão, Rocha Netto levou os desenhos do jovem Rontani até a *Gazeta Esportiva*, onde trabalhava como colaborador. O personagem agradou o redator-chefe da gazeta, Thomaz Mazzoni, que ficou conhecido por criar diversos mascotes para times paulistas de futebol. De acordo com Rocha Netto o desenhista Nino Borges, dessa mesma gazeta, desenhou um caipira para o jornal a pedido de seu chefe-redator, que acabou batizando o personagem como Nhô-Quim, abreviando *Senhor e Quinze*: “Rontani não alterou o seu desenho e o povo também começou a chamá-lo pelo mesmo nome” (ELIAS NETTO, 2002).

Em 1952 Rontani passava a publicar no *Jornal de Piracicaba* as caricaturas do personagem Nhô Quim, que foi totalmente remodelado em 1966, chegando ao desenho usado até os dias de hoje. Segundo Elias Netto, Rontani havia pedido permissão a Nino Borges para dar continuidade ao personagem (Memorial, 2002), mas a história não é confirmada, já que a idéia foi dele próprio e somente o nome veio dos jornalistas de *A Gazeta Esportiva*.



*Personagem Nho Quim, símbolo do time de futebol XV de Novembro de Piracicaba, já em sua versão atualizada.*

O traço de Edson Rontani acompanhou a imprensa piracicabana por toda segunda metade do século XX. O artista passou pela *Folha Piracicabana*, *Tribuna Piracicabana*, o *Jornal de Piracicaba*, *O Diário*, entre outros; e também por algumas revistas, tais como *Mirante* e *Galeria*. Como na época praticamente não se usava fotografia e o clichê saía bem caro para os jornais, era comum o uso de ilustrações. Por isso, principalmente em datas especiais, tais como Natal, Páscoa, Dia do trabalho, era a Rontani que as diversas publicações recorriam para usar suas ilustrações.

No *Jornal de Piracicaba* sua coluna semanal *Você Sabia?*, no suplemento infantil, criou fama, sendo aguardada não só pelas crianças, mas por muitos fãs adultos. Publicada pela primeira vez em 1983, suas curiosidades ilustradas só pararam quando morreu, catorze anos depois. Hoje, todo o material está no acervo particular da família Rontani. Mas em homenagem ao grande chargista e caricatunista da terra, o jornal vem republicando a página no mesmo suplemento e no mesmo local onde ficou conhecida: a última página.

Nos anos 50, Rontani abriu um estúdio de desenho, o *Orbis*, na praça José Bonifácio, a principal da cidade. De lá saíam os mais diversos tipos de serviços: de ilustrações para publicidade de estabelecimentos comerciais, até mesmo caligrafia em convites de casamento. Os mais diversos diplomas e certificados também eram escritos por Rontani, que era responsável também pela elaboração do documento de Cidadão Piracicabano, título concedido a ilustres personalidades, pela Câmara de Vereadores da Piracicaba.



Publicidade feita por Edson Rontani:  
Revista do Rádio, 1961

Mas nessa área Rontani começava a perder mercado, já no início dos anos 70, devido uma nova tecnologia que surgia: as fotocopiadoras xerox. A coisa piorou muito nos anos 90 com a chegada dos computadores. A partir de então, qualquer um poderia produzir a letra que quisesse, imprimir o desenho que gostasse, no conforto de sua própria casa sem gastar praticamente nada, pelo menos em se tratando de mão de obra.

Edson Rontani era também muito conhecido como vitrinista, pois por sua caligrafia impecável era contratado, pela maioria das lojas da cidade, para montar as vitrines. De acordo com seu filho, Rontani Junior, sair para ver vitrines naquela época era uma atração para a família toda. Seu pai inclusive ganhou prêmios como grande vitrinista: *Uma das especialidades de Rontani, pouco lembrada, era a de vitrinista, atividade pioneira à sua época, décadas de 1950 e 60.*” (ELIAS NETTO, junho de 2003)

O Estúdio de desenho de Rontani também era chamado para ornamentar salões de festas pela cidade. Grandes bailes de carnaval e festas de fim de ano, nos mais importantes clubes de Piracicaba, foram decorados com desenhos de Rontani, que podem ser conferidos nas fotografias do arquivo da família.

Ainda segundo o filho Edson Rontani Junior a caligrafia sofisticada do pai ia parar até em jazigos e placas de ornamentação para túmulos, pois o serviço era contratado por fundições que usavam o desenho de suas letras para elaborar a matriz e escrever no bronze.

Até mesmo na área do jornalismo Rontani se enveredou: *“Durante muitos anos, Edson Rontani atuou no jornalismo piracicabano, exercendo também, atividades radiofônicas”*. (ELIAS NETTO, 2002). Além de radialista e radioamador, também foi

diretor do *Jornal do Rádio*, uma publicação que circulava aos domingos entre os anos de 61 e 62, com cerca de 6 páginas trazendo notícias, na maioria puxando para o lado cômico, sobre o rádio piracicabano, seus produtores e artistas



Capa da Revista do Rádio – 16/04/1961

Diálogo abaixo da ilustração:

- Querida, eu sou multimilionário. Se casares comigo ficarás rica...
- Você é locutor de rádio?
- Não...
- Então não o quero como marido...

O primeiro exemplar, que data 19 de março de 1961, trazia diversas caricaturas de conhecidos radialistas da região, como o locutor esportivo Waldir Marques. Também engraçadas tirinhas em quadrinhos satirizando a glamourização dos artistas que faziam radionovelas ou trabalhavam no rádio:



Jornal do Rádio jornal do Rádio, 19 de março de 1961



Jornal do Rádio jornal do Rádio, 02 de abril de 1961

A partir de 62 o jornal ganhou diversas publicidades espalhadas por suas páginas e que eram totalmente elaboradas pelo próprio Rontani, desde a idéia central, até as letras e as ilustrações utilizadas. O bom humor reinava também numa coluna dominical com o mesmo nome, que era publicada no jornal *Diário de Piracicaba*.

Em 1974, já casado, Rontani teve a idéias de realizar o Salão de Caricaturas de Piracicaba, na Pinacoteca Municipal, expondo não só suas próprias charges, mas a de outros caricaturistas como Renato Vagner e Rudinei Bassete (atual presidente da Emdhap). O evento levou o apelido de *O Mural* e expunha tais trabalhos semanalmente.



(CARICATURA jornal do Rádio, 19 de março de 1961 ilustração de E. Rontani)

Além do desenho e da caligrafia, Rontani estudou pintura, e como artista plástico e pintor, participou de diversas exposições, individuais e coletivas, no Salão de Belas Artes de Piracicaba entre 1963 e 1991 e também em outras cidades, como o Rio de Janeiro, na Galeria do Hotel Copacabana Palace, onde apresentou obra em aquarela.<sup>5</sup>: “*celebrizou-se por ser pioneiro, em Piracicaba, em histórias em quadrinhos e charges. No entanto, foi artista múltiplo: pintor, escultor, desenhista, ceramista, ilustrador, decorador, vitrinista.*” (ELIAS NETTO, 2002)

### **O fanzine Ficção**

Dono de uma das maiores coleções de quadrinhos do Brasil (cerca de 70 mil exemplares a partir dos anos 40, chegando a mais de 100 mil quando veio a falecer no final da década de 90), Edson Rontani tinha a intenção de se comunicar com outras pessoas que tinham o mesmo interesse que ele por quadrinhos. E de seu próprio mimeógrafo à tinta, nasceram as 300 primeiras edições do Boletim (na época o termo *fanzine* era completamente desconhecido no país), batizado como *Ficção*: “*Nosso maior intuito é facilitar a venda e trocas de revistas de historietas entre colecionadores e tecer*

---

<sup>5</sup> CAVALCANTI, Carlos; AYALA, Walmir (org). Dicionário brasileiro de artistas plásticos. Brasília: MEC/INL, 1973-1980.

*comentários sobre tudo o que se relacione com esta arte de nosso século.”* (RONTANI, 1965).<sup>6</sup>

Com a ajuda de alguns jornais, e principalmente as revistas da EBAL (a Superman-Bi 6, de janeiro/fevereiro de 1966), que noticiaram sobre o novo boletim, Rontani conseguiu reunir um arquivo com muitos nomes de colecionadores e amantes das HQs que passaram a receber o *fanzine* gratuitamente:

*“Recebemos de Piracicaba uma carta e um Boletim que foi uma grata surpresa para nós. A carta vinha assinada por Edson Rontani, já nosso conhecido (um desenho seu foi publicado na capa da SUPERMAN Nº 9 – janeiro de 1965) e diz o seguinte”*<sup>7</sup>

No primeiro número de *Ficção*, Rontani disponibilizou para a venda uma relação de publicações que tinha em duplicada. Lançou assim a coluna *Feira de Revistas*, reunindo não só os interessados em discutir quadrinhos, mas também colecionadores querendo comprar, vender ou trocar gibis. Com essa renda, comprava papel, estêncil e tinta pra imprimir o boletim: *“Era trabalhoso desenhar no estêncil parafinado. Com estilete a gente tinha de perfurar o estêncil para que passasse a tinta. Não era nada fácil trabalhar com mimeógrafo à tinta. Depois, Ficção passou a ser impresso em duplicador a álcool.”* (RONTANI, 1985)

*Ficção* teve 12 edições com periodicidade incerta: *“Puro passatempo, saía quando sobrava tempo”* (RONTANI, 1985). O último exemplar circulou em 1970 para comemorar os 25 anos de EBAL. Logo depois, em 1974, o artista novamente lança uma publicação, esta utilizando o nome *Fanzine* no título: *“Eu enviava o Ficção para o exterior e um clube de colecionadores franceses enviou um comentário sobre o boletim chamando-o de fanzine. Assim resolvi adotar a nomenclatura, quando voltei a editar”* (RONTANI, 1985).

Atualmente, *fanzine* é sinônimo de arte, de criatividade e de liberdade de expressão. Hoje, após 40 anos do pioneirismo de Rontani, esse tipo de publicação alternativa já é mais do que conhecida entre os amantes dos quadrinhos. E por tudo isso, Edson Rontani é um nome que deve ser lembrado sempre nessa área.

---

<sup>6</sup> Carta de abertura da primeira edição de *Ficção*.

<sup>7</sup> Comentário sobre o *fanzine* *Ficção*, publicado na capa interna da revista Superman-Bi nº 6 – janeiro de 1966.

## Referências Bibliográficas:

*30 anos do Ficção-Boletim do Intercâmbio Cultural Ciência Ficção Alex Raymond*. Mirandópolis-SP: Comix-Club, 1995.

ELIAS NETTO, Cecílio. Fascículos *Memorial de Piracicaba: Almanaque 2002-2003*. nº 2; 3; 10 e 14. Piracicaba: Tribuna Piracicabana/Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2002-2003.

Flávio Mário de Alcântara Calazans (organizador). *As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática*. São Paulo, 1997

JUNIOR, Gonçalo. *A guerra dos gibis*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993. Coleção Primeiros Passos.

\_\_\_\_\_. *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

\_\_\_\_\_. *A mutação radical dos fanzines*. Paper apresentado no XXVI Congresso da Intercom. Belo Horizonte-MG: 2003.

RONTANI, Edson. *Jornal do Radio*. nº 01 a 21. Piracicaba: março de 1961 a abril de 1962.

\_\_\_\_\_. *Ficção*. (Coleção) Piracicaba-SP. Arquivo Pessoal de Edson Rontani Junior.